

## ARTIGO

## O Homem e o tempo



JORGE DAHER  
Médico

Homem é o único ser vivente em toda a Natureza que se relaciona com o tempo, sendo capaz de evocar passado e futuro, vivendo sempre no tempo presente. Os outros seres viventes tem a vida determinada pelo tempo presente e apenas sofrem as consequências do passado de forma instintiva, não tendo a capacidade de adivinhar o futuro.

A relação não linear com o tempo garante ao homem a perspectiva de viver além dos limites objetivos e ter a capacidade de abstração do tempo e a percepção de um tempo além daquele que o relógio insiste em marcar, acompanhando os ciclos rotatórios do planeta.

Rollo May, psicólogo, teólogo e filósofo americano, dono de uma visão humanística única, em um livro consagrado, chamado "O Homem a Procura de Si Mesmo", reata o exemplo de um rapaz que passa oito horas do dia em seu trabalho rotineiro e já entendente, ao final do expediente, durante dez minutos, na condução, encontra-se com a mulher a quem devota grande amor e por mais duas horas estende-se em um curso. Nos dias vindouros, daquele dia tomado como exem-

plo, ele não se lembrará do que ocorreu no trabalho, terá instantes de lembrança dos pontos mais importantes que aconteceram no curso e trará em detalhes a lembrança do encontro com a moça amada. Os dez minutos no curso de um dia de mais de dez horas despertas e ativas, terão papel preponderante e passarão a ocupar o tempo, como se representasse as 24 horas de um dia.

Nosso sono é povoado por instantes relâmpagos de sonho, mas os sonhos, mesmo que sendo instantes medidos no tempo real como de alguns segundos, terão a perspectiva de ocupação de toda uma noite.

Passado e futuro compõem o que chamamos presente, na perspectiva de tempo do homem. Os que vivem das lembranças do que passou, ou depositam no futuro o seu pensar, forma de fugir do presente, relacionam-se com o tempo de forma chamada antigamente de neurótica (o termo neurótico teve uma peculiaridade semântica rica no passado, foi incorporado pejorativamente no vocabulário popular e hoje apenas expressa algo anormal, mas é na significância semântica original que uso o termo, fazendo desse intervalo entre parênteses, mais um exemplo de como o homem se relaciona livremente com o tempo, até na escrita!).

Minha atividade profissional me coloca diariamente diante de pessoas que hoje, ao envelhecer, apresentam-se como portadoras de quadros demenciais. A demência é o envelhecimento patológico do cérebro, tem sua

origem em variadas condições, a mais arrasadora delas é o chamado Mal de Alzheimer. A característica principal da demência é a perda da memória de fatos recentes, a pessoa se torna patologicamente esquecida, a ponto de isso afetar gravemente o seu cotidiano e das pessoas que a cercam.

Os portadores de demência vivem em um tempo único, de um passado remoto, que tentam de todo modo viver como se fosse o presente, para o sofrimento dos cuidados, geralmente filhos, que vêm pais que foram modelo da infância de cada um, ou seja, estão diante daqueles que representavam o futuro e agora vivem em um tempo não acessível e não permitido a ninguém.

A capacidade de planejar, colhendo as experiências do passado, mas não se detendo na perspectiva do futuro, fazem o viver saudável. Vivemos no presente, passado e futuro são elementos que o alegam e o enriquecem, são pontos de referência e não o porto de chegada.

Aqueles que se prendem ao tempo, sentindo a cada segundo os seus efeitos, e por algum motivo perderam as esperanças no futuro e já não encontram rumo no passado, também deixam de lado a perspectiva do lado único do tempo, que é o tempo que construímos interiormente, a cada instante.

Vivamos o eterno presente. Administremos nosso tempo. A partir de agora, não mais ocupo o seu tempo, o meu tempo nesse artigo chegou ao fim.

## ARTIGO

## Por tudo isso, é assim

De um lado o prefeito cassado e sem partido Pedro Sahium e sua administração tacanha. De outro a falida Câmara Municipal e seus legisladores patéticos. Em um outro a população, atônita e aturdida. No recheio desse triângulo você encontra subcategorias. Há os servidores públicos municipais (lê-se melhor aposentados), os políticos sem mandato ou de olho em uma nova cadeira, as entidades de classe, a imprensa...

E é bom que se diga: a massa é totalmente heterogênea. Ninguém se mistura e, portanto não se une e, portanto nada cresce. E porque acontece assim? É que o senso coletivo não prevalece, senão por algum interesse pessoal ou de grupo. Sahium, quando (mais) acuado fala e cobra união. Cita o exemplo de Uberlândia. Mas o prefeito já tem a união possível, trazida no apoio cego, irresponsável e questionável de 10 vereadores. Para quem não sabe ou não se recorda, o que significa 2/3 da Câmara. Também conta com o suporte de assessores aparentemente mais comprometidos em agradá-lo dizendo-lhe amém e/ou as palavras que gostaria de ouvir do que em abrir-lhe os olhos para a mácula que essa pobre gestão deixa em sua trajetória política.

Mas há como dissemos os outros lados. E a Câmara talvez seja o mais triste deles. Eleitos com a obrigação de representar a popu-

lação, nossos nobres edis viraram-lhe as costas. Não legislam, não fiscalizam, não empunham bandeiras sociais. Quando muito conseguem uma obra ou outra, para um bairro ou outro, com o objetivo de ludibriar e assegurar votos no pleito seguinte. Esses homens públicos preferem o apego ao poder e às suas benesses. Curvam-se e recebem a carga. Carregam, mansamente, o peso de outrem.

No terceiro lado assentase a população. Esse monte de gente que vive aqui, aqui trabalha, cria os filhos, paga seus impostos e tem poucos motivos para comemorar. Esse grupo - nós - sobrevive e transita no espaço que resta entre os desmandos e as irregularidades do Executivo e a omissão e descaso do Legislativo. Sofre com o abandono e com a falta de melhores perspectivas. Mas essa população não pode ser isentada de responsabilidade. Ela decide quem vai representá-la e, portanto, é causa e consequência do quadro que ora se observa na cidade. É claro que muitos mudam de opinião, se arrependem da escolha feita nas urnas. Que esse arrependimento, então, resista quatro anos, o intervalo de tempo até o pleito seguinte. Que esse arrependimento tenha mais importância que um possível favor, um mimo, uma esmola qualquer.

Citamos o recheio, incluindo os aposentados do município, outros políticos, imprensa e entidades classistas. Os primeiros são vítimas. Trabalham, con-

tribuíram e não recebem. São uma subcategoria para a atual administração que desconsidera suas necessidades e parece imaginar que o mês dos inativos não seja igual ao dos demais. Mas aqui vale o registro de que aposentado também vota. Talvez só falte aprender em quem. A imprensa é subcategoria. Por si. A política do toma lá, dá cá de alguns veículos faz dela uma coisa menor. Enquanto a dependência financeira do poder público e a vontade de manter essa dependência não cessarem, a isenção será apenas um conceito. Fundamental, entretanto, é haver equilíbrio porque a crítica, qualquer que seja sem fundamentação é algo não menos nocivo.

Sobre os políticos que orbitam por aí e a entidades de classe o comentário é breve. Os primeiros atuam quando lhes é interessante, buscam benefícios que os beneficiem e secam o poder muito mais com o desejo de ocupá-lo do que com a consciência dos deveres que ele traz. Isso serve para os que têm e os que não têm mandato. Já as entidades classistas, corporativas como só, lutam pelo desenvolvimento da cidade, desde que esse desenvolvimento passe, obrigatoriamente, por elas. Ambos são subcategorias pela incapacidade de pensar o todo.

O que eu trouxe de novo com esse texto? Nada. Apenas acredito que certas coisas precisam ser lembradas para não ser esquecidas.

**Dorita T. Moura**  
Educadora aposentada

## ARTIGO

## Lá e cá, a culpa é da mídia

Em dois dias consecutivos e em dois lugares separados por mais de 10 mil quilômetros, dois chefes de governo atacaram a imprensa a golpes de borduna. Cada qual a seu modo e na sua circunstância, o primeiro-ministro britânico Tony Blair e o presidente brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva acusaram a mídia de não fazer coisa que preste.

A investida de Blair, com a popularidade abaixo de zero e a poucas semanas de entregar o poder ao sucessor Gordon Brown, foi ampla, geral e irrestritamente devastadora. Numa palestra, desancou os jornais da sua terra por serem "animais ferozes" [feral beasts], amargos e agressivos, prepotentes e cheios de si, indiferentes às fronteiras entre o público e o privado, guiados pela busca de impacto e descuidados com o senso de proporção, incapazes de enxergar o mundo a não ser em preto e branco.

Ora, ora. Nenhum outro governante britânico,

nem mesmo a Dama de Ferro Margaret Thatcher, manipulou a mídia com tanto despudor como Tony Blair, por meio do seu marqueteiro Alastair Campbell - o genial criador do termo "princesa do povo" para a recém-falecida Diana e o cínico tecelão da versão local da rede de mentiras sobre as armas de destruição em massa de Saddam Hussein.

Blair, na sua diatribe de anteontem, pelo menos abordou questões de fôlego nas atitudes e métodos da grande imprensa. Mereceu do Guardian o editorial "Sermão certo, pregador errado".

Já o presidente Lula foi raso como se achava que, reeleito, ele não voltaria a ser na simplificação dos problemas e na transferência de responsabilidades por eles.

Culpou o jornalismo - vejam só! - pelo insuficiente turismo interno:

"O que a gente vê de bonito [do país] na imprensa brasileira?", perguntou retoricamente. "Quais são as mensagens que nos pro-

vocam a viajar no final da semana? Não tem."

E se pôs a exemplificar: "Se fala de Pernambuco, é morte. Se fala do Ceará, é morte. Se fala da Bahia, é morte. Aí a pessoa diz: 'Espera aí, não vou sair daqui não, vou ficar dentro de casa.' E ainda olha, vê se não tem uma fresta, para não vir bala perdida."

O presidente espancou os fatos. Não há nenhuma prova de que o brasileiro passou a viajar menos pelo país por medo da violência. E se houvesse, a culpa não seria de quem a notícia, mas de quem não consegue controlá-la.

Se ultimamente algo pode fazê-lo pensar duas vezes antes de arrumar as malas é não achar uma boa idéia "relaxar e gozar" nos congestionados aeroportos brasileiros - um conselho que tão cedo não desgrudará da imagem da ministra do Turismo, Marta Suplicy.

Ela pelo menos não culpou a mídia pelo apagão aéreo.

**Luiz Weis**  
Jornalista

## ARTIGO

## Marrom é e realidade, não a imprensa

Imprensa marrom no Brasil é desperdício. A realidade já é marrom.

A imprensa nada precisa acrescentar aos fatos para produzir noticiário escandaloso. Ao contrário: poderia cavar mais fundo e mostrar a um país ainda mais feio, mas a cada dia aparece uma nova denúncia. Quem se lembra da Operação Furação, substituída nas primeiras páginas pela Operação Navalha, logo seguida pela Operação Xequê-Mate? Na semana passada, os jornais tiveram de se dividir entre o caso do presidente do Senado, Renan Calheiros, e as investigações sobre um irmão, Genival, e um compadre, Dario Morelli, do presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

Enquanto corre atrás das novas denúncias, a imprensa vai deixando pelo caminho uma porção de histórias incompletas. Os escândalos do ano passado resultaram em alguma condenação? E os do ano anterior? A Polícia Federal acrescentou provas àquelas apresentadas no início de cada escândalo? Raramente aparece um balanço e quase sempre é negativo: os acusados continuam por aí, livres e leves, e alguns foram eleitos ou reeleitos para cargos públicos. Um balanço mais completo, de vez em quando, daria um retrato mais completo da realidade marrom.

Parte do noticiário resvala em questões importantes, nunca exploradas até o ponto de satisfazer o leitor um pouco mais curioso - ou um pouco mais ansioso em relação à vida política brasileira. Lembrem-se do caso dos "anões do Orçamento", na primeira metade dos anos 1990? Foi um escândalo e tanto, mas nunca se criaram mecanismos para

mudar o chamado processo orçamentário.

## ORÇAMENTO E CORRUPÇÃO

A chamada "parte livre" do Orçamento Geral da União continuou, ano após ano, a ser estraçalhada por emendas de parlamentares. Boa parte dos escândalos - um bom exemplo é o das ambulâncias - tem relação com os gastos enxertados no projeto por deputados e senadores. Fala-se até, abertamente, numa bancada das empreiteiras, mas o próprio orçamento quase nunca é o tema central de uma reportagem.

Nas últimas duas ou três semanas, voltou-se a falar em mudança no sistema de emendas. O presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia (PT-SP), anunciou a intenção de propor o fim das emendas de bancada. Na quarta-feira (6/6), o ministro de Relações Institucionais, Walfrido dos Mares Guia, defendeu a liberação automática das verbas previstas nas emendas, para facilitar a vida dos prefeitos beneficiados. "A questão das emendas não deve ser discutida com preconceito", disse o ministro, citado em reportagem do Estado de S.Paulo. "A palavra emenda não traz catapora ou corrupção."

De fato, nem todo parlamentar faz bandalheira quando toma para sua clientela um pedaço do Orçamento. Apenas desperdiça dinheiro federal. Mas a associação entre emenda orçamentária e corrupção não ocorre por acaso nem por preconceito - e cada jornalista participante daquele encontro sabe disso muito bem.

## CRITÉRIO ATROPELADO

Apesar disso, e de uma porção de outros problemas

importantes, o Orçamento aparece na imprensa, quase sempre, como um adjunto adverbial facilmente esquecível. É um instrumento ou uma circunstância da corrupção ou da pulverização de dinheiro e isso parece torná-lo secundário. Mas não é. O processo de elaboração e de votação do projeto orçamentário é um componente importante do sistema político e do esquema administrativo do país. É parte relevante da história das democracias. Por que não explorá-lo, para variar, como tema central da reportagem?

A mesma pergunta vale para outros temas do dia-a-dia. Os jornais vêm cobrindo, há meses, o loteamento de cargos federais, parte da composição da base do governo. O presidente Lula dividiu a vice-presidência de Governo e Agronegócios do Banco do Brasil em duas unidades, para entregá-las a um peemedebista derrotado nas últimas eleições, o ex-senador Maguito Vilela, e o ex-ministro da Agricultura Luiz Carlos Guedes Pinto, vinculado ao PT. Uma vice-presidência da Caixa Econômica Federal foi oferecida ao peemedebista Moreira Franco. Na semana passada, falava-se também na nomeação, para a Caixa, do ex-deputado Paes de Andrade, aquele da República de Mombaça.

O critério da experiência profissional foi atropelado noutros casos, mas nesse episódio o governo extrapolou. Estadão, O Globo e Folha de S.Paulo deram destaque ao assunto, mas não valeria a pena, nesse caso, ir atrás da opinião de especialistas e fazer um barulho muito maior?

## Larissa Grau

Estudante de jornalismo

## JORNAL DO ESTADO DE GOIÁS

- Organização Independente de Comunicação Ltda

- Administração, Redação, Edição Rua Conde Afonso Celso, nº 515 Setor Central

Fone: 3099-6100/3099-6114

- Impressão: WAN Comunicação

**Diretor-superintendente:** Marcos de Carvalho Vieira (marcosvieira77@yahoo.com)

**Editor chefe:** Flavio Mobaroli (flaviojornalista@hotmail.com)

**Editor de Arte:** Normando Pereira Barros (npbarros@hotmail.com)

**Repórter fotográfico:** Ismael Vieira (ismaelvieira@hotmail.com)

**Gerente de projetos:** Cecília Rodrigues (cecilia.comercial@gmail.com)